

**Encontro Regional Nordeste de História Oral
ESPAÇO, MEMÓRIA E NARRATIVA: em busca dos diálogos possíveis
UFCG, Campina Grande, 23 a 26 de setembro de 2003**

Mesa-redonda “História oral: questões teórico-metodológicas”

O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral

Verena Alberti

A história, como toda atividade de pensamento, opera por descontinuidades: selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou. Com a história oral não é diferente. Mas uma entrevista de história oral tem uma vivacidade especial. É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. Ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos. Que interessante reconhecer que, em meio a conjunturas, em meio a estruturas, há pessoas que se movimentam, que opinam, que reagem, que vivem!

Esse fascínio do vivido é sem dúvida em grande parte responsável pelo sucesso que a história oral tem alcançado nos últimos anos – sucesso que pode ser atestado pelo número crescente de pesquisadores, professores e estudiosos “fascinados” pela metodologia, que freqüentam os congressos e seminários de história oral em todo o mundo e no Brasil especialmente.

É importante contudo saber que o que atrai, na história oral, não lhe é exclusivo e muito menos “novo” no mundo de hoje. Neste trabalho procurarei situar a história oral em relação a dois paradigmas que podem explicar o fascínio que ela exerce: a hermenêutica e a idéia do indivíduo enquanto valor.

Hermenêutica: “compreender é reencontrar o eu no tu”

O filósofo Wilhelm Dilthey (1833-1911), um dos principais responsáveis, no final do século XIX, pelo surgimento das ciências humanas como universo distinto das ciências naturais, teve influência decisiva nas formas de estudar o passado que relacionam temas e acontecimentos às condições históricas de seu aparecimento e desenvolvimento. A hermenêutica era, para ele, o fundamento das ciências humanas, baseadas na *compreensão*. Para compreender o homem, dizia Dilthey, é necessário compreender sua *historicidade* – noção estranha às categorias estáticas das ciências naturais, cujo fundamento não era a compreensão mas a explicação. O modo de pensar hermenêutico, que não se resume obviamente à filosofia de Dilthey, consiste em valorizar o movimento de se colocar no lugar do outro para compreendê-lo e em acreditar que as coisas (o passado, os sonhos, os textos, por exemplo) têm um sentido latente, ou profundo, a que se chega pela interpretação.¹

Um dos pontos de contato mais claros entre hermenêutica e história oral é a categoria da *vivência* – para Dilthey, a menor unidade das ciências humanas, que são epistemologicamente atreladas à *vida*. A vivência concreta, histórica e viva é o próprio ato, não algo de que estejamos conscientes. Ela é um dos termos da fórmula que, segundo Dilthey, torna acessíveis os objetos das ciências humanas: vivência–expressão–compreensão. As produções humanas *exprimem* a vivência e cabe ao hermenêuta *compreender* essas expressões, de tal forma que a compreensão seja o mesmo que *tornar a vivenciar*. “Compreender”, diz Dilthey, “é reencontrar o eu no tu.”² É alargar nossos horizontes em relação às possibilidades de vida humana, é vivenciar outras existências. E ele dá um exemplo, o de vivenciar o religioso: “Posso não ter, durante minha existência, a possibilidade de experimentar o religioso. Mas, à medida que leio as cartas e os escritos de Lutero e de seus contemporâneos, vivencio o religioso com uma energia e força tais que hoje em dia seriam impossíveis.”³

Ora, podemos dizer que a postura envolvida com a história oral é genuinamente hermenêutica: o que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo *compreender* as expressões de sua

¹ Ver, a respeito da hermenêutica e de Dilthey, Alberti, Verena. “A existência na história: revelações e riscos da hermenêutica”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v.9, n.17, 1996, p.31-57 (disponível para *download* no Portal do CPDOC: www.cpdoc.fgv.br).

² “Entwürfe zur Kritik der historischen Vernunft” (“Esboços para a crítica da razão histórica”), Dilthey, Wilhelm. *Gesammelte Schriften*. Stuttgart, Teubner Verlagsgesellschaft, 1959-1962. v. VII, p.191.

³ Dilthey, *Gesammelte Schriften*, VII, p. 214.

vivência. Para compreender, diz Dilthey, é indispensável um trabalho histórico e gramatical prévio, que nos coloque na posição de um leitor da época – no nosso caso, podemos dizer: que nos transforme em interlocutor à altura de nosso entrevistado, capaz de entender suas expressões de vida e de acompanhar seu relato. Essa preocupação é condição *sine qua non* para a interpretação.

Indivíduo como valor

O segundo paradigma claramente “infiltrado” na história oral, a idéia do indivíduo como valor, também está relacionado com a compreensão hermenêutica. Quando Dilthey fala que compreender é tornar a vivenciar, é claro que pressupõe o indivíduo como *locus* das vivências (as originais e as depois compreendidas) – de outro modo, parece difícil “reencontrar o eu no tu”. Esse indivíduo, assim como a hermenêutica como modo de pensar, é específico à cultura ocidental moderna. Tomar o indivíduo como valor não é apenas considerá-lo uma entidade valorizada em nossa cultura “individualista”. É verificar que a crença no indivíduo autônomo e igual perante os outros, que é também o indivíduo único e singular, o ser psicológico, *dá sentido* a uma série de concepções e práticas em nosso mundo. Basta ver que, em outras culturas, igualdade, liberdade, singularidade psicológica etc. não dão sentido a práticas e modos de ser, para reconhecer que esse indivíduo é um valor em nossa cultura, não tendo nada que ver com uma suposta “natureza humana”.⁴

Não é difícil perceber como a história oral está ligada a esse paradigma. Muitos autores atribuem a ela uma capacidade de totalização, principalmente quando confrontada com a fragmentação de documentos escritos que, hoje em dia, teriam cada vez menos “conteúdo” – sendo, por isso, menos úteis para conhecermos o passado. Uma entrevista de história oral teria a vantagem de falar, de saída, sobre o passado, interpretando-o logo em densidade. Isso pode ser visto, como efetivamente é por alguns autores, como um paradoxo: quanto mais moderna é a sociedade, quanto mais rápida e fragmentada é a comunicação, tanto mais precisamos, para entendê-la, de formas “tradicionais” de explicação: narrativas orais, transmitidas de gerações mais velhas para

⁴ Sobre essa discussão, ver: Duarte, Luiz Fernando. “Três ensaios sobre pessoa e modernidade.” *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, (41), 1983; Dumont, Louis. *Homo hierarchicus*. Paris, Gallimard, 1966, e *Essais sur l’individualisme*. Paris, Seuil, 1983; Castro, Eduardo Viveiros de & Araújo, Ricardo Benzaquen de. “Romeu e Julieta e a origem do Estado.” In: Velho, Gilberto (org.). *Arte e sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

mais novas, de modo a conservar a “identidade” e a construir os significados da sociedade. Há um detalhe crucial, porém – e aí entra o paradigma de que estamos tratando: o fato de o sentido e a identidade de sociedades modernas pressuporem o indivíduo como âncora e elemento constitutivo. Ao tempo indistinto, linear e racional do mundo moderno contrapõe-se a densidade de significados da biografia, capaz de sintetizar os significados do passado. Se a história oral representa uma opção totalizadora frente à fragmentação de documentos escritos é porque ela está centrada no indivíduo, que funciona, em nossa cultura, como compensação totalizadora à segmentação e ao nivelamento em todos os domínios.

Práticas e valores muito “infiltrados” em nosso modo de ver o mundo correm o risco de parecer coisa dada, verdades absolutas, comuns a todas as culturas. É o que acontece com os dois paradigmas aqui destacados. O modo de pensar hermenêutico, que privilegia a *interpretação* do mundo com vistas à busca de um sentido profundo das coisas, inclusive da história e das biografias, é tão difundido – nos livros, nos filmes, nos meios de comunicação, na academia, nas terapias etc. – que mal podemos imaginar que possa haver outras possibilidades. O mesmo se passa com o indivíduo como valor. Ambos são totalizadores, fixam sínteses e sentidos.

O campo da história oral é acentuadamente totalizador; entrevistado e entrevistadores trabalham conscientemente na elaboração de projetos de significação do passado.⁵ O esforço é muito mais construtivista do que desconstrutivista (inúmeras vezes ouvimos, com efeito, que o entrevistado “constrói o passado”), e tem como base a experiência concreta, histórica e viva, que, graças à compreensão hermenêutica, é transformada em expressão do humano. É importante ter consciência dessa “vocalização totalizante” da história oral, em um mundo em que a fragmentação e a dissipação de significados, o desaparecimento do sujeito e o privilégio da superfície (em detrimento da profundidade) também estão na ordem do dia.⁶

⁵ Nesse contexto, é bastante útil a noção de *projeto* desenvolvida por Gilberto Velho, como sendo uma elaboração consciente e uma tentativa de dar sentido à experiência fragmentada. Ver Velho, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

⁶ Aqui penso especificamente em movimentos opostos aos do paradigma hermenêutico que surgiram a partir de fins do século XIX e mais acentuadamente no século XX, às vezes chamados de “pós-modernos”, e que tem em autores como Friedrich Nietzsche, Jacques Derrida, Jean François Lyotard, entre outros, seus expoentes.